

Cultura e educação em uma aldeia indígena: relato de observação

Aíles da Silva Biudes
Denyse Gomes Ferreira de Lacerda
Laudicéia Alves de Oliveira¹

Resumo

este trabalho apresenta o relato de observação etnográfica educacional realizada na Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental e Médio, localizada na aldeia indígena Sabanê. O objetivo da pesquisa, além do estudo de aspectos sociais, possuiu também motivos educacionais, pois foi realizada a fim de conhecer a forma como a educação é desenvolvida na aldeia e como funcionam o currículo e o calendário escolar que, diferente da cidade, precisam se adequar aos costumes locais. Tendo como ponto de partida a Universidade Federal de Rondônia, *campus* de Vilhena, até a aldeia, a viagem durou cerca de duas horas. Além da observação, a pesquisa foi desenvolvida por meio de entrevistas, realizadas com 4 dos 5 professores da aldeia, sendo três deles indígenas. Cada professor relatou a forma como ensina, além de apontar desafios, dificuldades e expectativas quanto ao seu trabalho. Os professores indígenas demonstraram preocupação quanto ao ensino da história, da cultura e da língua materna. Para eles, esses elementos culturais são necessários para manter as tradições indígenas. Segundo eles, a cultura Sabanê estava se perdendo dentro da aldeia, mas, felizmente, aos poucos, tem sido resgatada pelos professores. Aspecto curioso trazido pela pesquisa se refere à influência do cacique no ensino; ele próprio relatou que deixa os professores trabalharem livremente, mas que participa das reuniões para saber o que está sendo ensinado, e deseja que os próprios indígenas se aprimorem na educação, para que possam assumir os cargos de educadores dentro da aldeia. De modo geral, as observações feitas na aldeia permitiram perceber variados aspectos, que vão desde as condições de acesso e estrutura física para as aulas até elementos de ordem didático-pedagógica. Destacamos, por exemplo, a falta de energia elétrica e de sinal de internet que, de algum modo,

¹ Acadêmicas do curso de Pedagogia da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR/*campus* de Vilhena.

dificulta o trabalho docente, e cujos traços principais expusemos nesta comunicação.

Palavras-chave: educação; etnologia; ensino; Sabanê.

Culture and education in an indigenous village: observation report

Abstract

This paper presents the report of educational ethnographic observation carried out at the State Indigenous School of Elementary and Secondary Education, located in the Sabanê indigenous village. The objective of the research, in addition to the study of social aspects, also had educational reasons, because it was carried out in order to know how education is developed in the village and how the curriculum and school calendar work that, different from the city, need to suit local customs. Starting from the Federal University of Rondônia, Vilhena *campus*, to the village, the trip lasted about two hours. In addition to the observation, the research was developed through interviews, conducted with 4 of the 5 teachers of the village, three of them indigenous. Each teacher reported the way he teaches, in addition to pointing out challenges, difficulties and expectations regarding his work. Indigenous teachers expressed concern about the teaching of history, culture and mother tongue. For them, these cultural elements are necessary to maintain indigenous traditions. According to them, the Sabanê culture was getting lost within the village, but fortunately, gradually, it has been rescued by teachers. Curious aspect brought by the research refers to the influence of the chief in teaching; he himself reported that he lets teachers work freely, but that he participates in meetings to know what is being taught, and he wants the indigenous people themselves to improve themselves in education, so that they can assume the positions of educators within the village. In general, the observations made in the village allowed to perceive various aspects, ranging from the conditions of access and physical structure for the classes to elements of didactic-pedagogical order. We highlight, for example, the lack of electricity and internet signal that, in some way, hinders the teaching work, and whose main features we expose in this communication.

Keywords: education; ethnology; teaching; Sabanê.

1 Introdução

O trabalho a seguir relata a experiência que nós, acadêmicas do curso de Pedagogia, turma IX, da UNIR/*Campus* de Vilhena, tivemos no dia 15 de Outubro de 2017, quando realizamos uma visita à aldeia indígena Sabanê, juntamente a professores e outros alunos do *campus*, a fim de atender às disciplinas de Fundamentos e Prática em Alfabetização I, de Fundamentos e Prática da Educação Infantil II, e também de Antropologia e Educação.

A visita tinha como objetivo o estudo de aspectos sociais para a aproximação com os moradores da aldeia, e ainda, por motivos educacionais, para conhecer como a educação é desenvolvida no local. A escolha do local para a visita baseou-se no convívio diário da turma IX, na qual há dois alunos pertencentes à aldeia. Dias antes da nossa ida, alguns professores do curso de Pedagogia foram ao local a fim de pedir autorização ao cacique da tribo para que a turma pudesse realizar a visita, o qual, gentilmente, atendeu ao pedido dos professores.

Tivemos como ponto de partida a UNIR/*Campus* de Vilhena, situada na Av. Rotary Clube, nº 3756, bairro Jardim Social, e seguimos pela BR-174 até entrarmos em uma estrada de chão, a qual dá acesso à aldeia. A viagem durou cerca de duas horas, e foi feita com um ônibus. Devido à precariedade da estrada, nas proximidades da aldeia foi necessário caminhar, por pouco mais de um quilômetro, até chegarmos ao local definitivo. Antes mesmo de chegarmos na aldeia, avistamos os primeiros indígenas na beira de um rio, os quais nos receberam e foi quando pudemos nos apresentar.

Seguimos à aldeia e, logo na chegada, fomos recebidos por uma professora, que nos passou algumas orientações. Em seguida, chegaram os outros professores que já nos aguardavam para a entrevista. Nos reunimos em volta dos professores, nos apresentamos, e fomos fazendo as primeiras perguntas sobre como funciona a escola indígena.

2 Apresentação dos professores

A Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental e Médio na aldeia Sabanê é composta por cinco professores, sendo três indígenas. A entrevista, que foi realizada em um espaço aberto, foi iniciada com a professora Carla², formada em Letras. Ela leciona as disciplinas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Língua Espanhola e Geografia. A professora Carla não é indígena, e estava na aldeia há 7 anos, desde 2010. O outro professor, não indígena, é formado em Matemática, mas não estava presente. Como a entrevista foi realizada em um domingo, não foi possível conversar com todos os professores.

O professor indígena Pedro leciona desde 2011 dentro da aldeia, e trabalha com as disciplinas de História, Geografia, Filosofia e Sociologia. Outro professor, também indígena, é Antônio, que no momento está substituindo sua irmã que está concluindo a faculdade na cidade de Ji-Paraná/RO. Antônio é formado em Magistério, e fez um semestre de Psicologia, mas precisou trancar sua matrícula e aguarda até que tenha oportunidade de retornar ao curso. O professor Antônio leciona as disciplinas de História, Geografia, Língua Portuguesa, Matemática, Ciências e Artes. Ele está com as turmas de 1º a 5º anos e relatou-nos que aprende bastante com os alunos, e ensina o que sabe. A professora Lúcia leciona as disciplinas de Geografia, Artes, Língua Materna e Cultura do Povo para a turma do 9º ano.

A Escola é composta por 21 alunos. Sendo 8 alunos do Ensino Fundamental I (de 1º a 5º anos), 9 alunos do Ensino Fundamental II (de 6º a 9º anos) e 4 alunos do Ensino Médio.

² Os nomes dos entrevistados que figuram neste artigo, foram substituídos por nomes fictícios, preservando suas identidades.

3 Etapas da educação: o processo de alfabetização e o ensino da língua materna Sabanê

A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, em seu art. 21, destaca a composição dos níveis escolares. De acordo com esse artigo, a educação escolar brasileira é composta pela Educação Básica (dividida em Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio) e pela Educação Superior (BRASIL, 1996).

De acordo com o art. 29 dessa lei, a Educação Infantil, que é a primeira etapa da Educação Básica, tem como objetivo “o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996). Esse ensino seria oferecido em creches e pré-escolas. Após a Educação Infantil, segue-se o Ensino Fundamental, com duração de 9 anos. Essa etapa, conforme afirma o art. 32, é obrigatória para crianças a partir dos 6 anos de idade, e possui, entre outros objetivos, o de “desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo” (BRASIL, 1996).

A última etapa da Educação Básica é o Ensino Médio, que possui duração mínima de 3 anos. Segundo a LDB (Lei de Diretrizes e Bases), em seu art. 35, incisos I e II, o Ensino Médio tem entre suas finalidades a de “consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos” e também a “preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores” (BRASIL, 1996).

Na aldeia Sabanê estão presentes as etapas de Ensino Fundamental e Ensino Médio, não existindo a de Educação Infantil. Devido ao

pequeno número de alunos e ao reduzido espaço físico, as turmas de 1º a 5º anos se resumem a uma única sala, ou seja, estudam todas juntas. O processo de alfabetização ocorre em conjunto com as demais etapas da educação, e os professores dão atenção separadamente para cada aluno.

A alfabetização na língua portuguesa é realizada pelo professor Antônio, que age conforme a necessidade de cada aluno. Para os alunos que estão iniciando no 1º ano, o professor escreve as sílabas nos cadernos e os alunos vão escrevendo embaixo, dando os primeiros passos para a alfabetização. Para os alunos intermediários, o conteúdo é passado no quadro, e eles já começam a ler e a escrever. Para os mais avançados, que são os alunos dos 4ª e 5ª anos, o conteúdo é estudado diretamente no livro, e os professores indicam as páginas para que os alunos façam a leitura. Assim, todos fazem o possível para aprender. Após o processo de alfabetização, realizado pelo professor Antônio, a professora Carla é quem dá continuidade ao conteúdo.

Na matéria de Matemática, o professor Antônio relatou que está trabalhando com cartilhas que os próprios alunos estão elaborando. São ensinados conteúdos como adição, subtração e multiplicação, neste caso, começando pela tabuada. Em Ciências são realizadas pequenas experiências para a melhor compreensão do conteúdo.

A alfabetização da língua materna fica sob responsabilidade da professora Lúcia, que relatou como trabalha com seus alunos. Primeiramente, os alunos aprendem a escrever em Português e depois, paralelamente, vão aprendendo a falar e a escrever na língua materna. Conforme mencionado na Lei nº 9.394/96, art. 32, § 3º, “O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem” (BRASIL, 1996).

O alfabeto da língua materna é composto por 18 letras, como podemos observar na fotografia 1. Para facilitar a memorização, a

professora tem trabalhado na construção de uma pequena cartilha ilustrada com desenhos que estão escritas na língua materna e na língua portuguesa. A língua Sabanê, como será visto mais adiante, aos poucos tem sido resgatada pela professora Lúcia, pois os únicos que de fato falam a língua materna são o cacique e sua esposa.

Fotografia 1 – Alfabeto indígena Sabanê



Fonte: Aíles Biudes (2017)

4 O currículo escolar e o estudo da cultura e história Sabanê

O currículo escolar é constituído por um conjunto de práticas que buscam promover o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes na Educação Básica. Sobre os currículos escolares, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica trazem o entendimento de que currículo “é o conjunto de valores e práticas que proporcionam a produção e a socialização de significados no espaço

social e que contribuem, intensamente, para a construção de identidades sociais e culturais dos estudantes” (BRASIL, 2013). Com esse mesmo objetivo de contribuir para as identidades sociais e culturais brasileiras, a Lei nº 11.645/2008 alterou a redação do art. 26-A da Lei nº 9.394/96 para incluir no currículo a obrigatoriedade da temática *História e cultura afro-brasileira e indígena*, como podemos observar a seguir:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.

(BRASIL, 2008).

Na escola indígena Sabanê, o estudo da história e da cultura Afro-Brasileira e Indígena está presente no currículo escolar, como é citado na Lei nº 9.394/96. E não apenas o estudo da história geral de outros povos, mas também o estudo da história e da cultura do próprio povo Sabanê, como forma de reafirmar a identidade indígena e de destacar a importância desses grupos para o Brasil.

O estudo das matérias de Artes e de História, que contribuem para ensino da cultura, fica sob responsabilidade dos professores indígenas, Antônio e Pedro, que trabalham para manter seus costumes e tradições.

Na matéria de Artes, o professor Antônio se mostrou preocupado em resgatar a cultura de seu povo e relatou que tem trabalhado com seus

alunos sobre a cultura indígena através da confecção de artesanatos. A princípio, tem ensinado aos alunos a fazerem coisas pequenas e simples, que não tomem mais do que duas aulas semanais, e sempre que é possível, o professor busca imagens de artesanatos semelhantes aos que eram produzidos antigamente pelo seu povo para que os alunos compreendam como eram feitos. Tais trabalhos estavam se perdendo na cultura local, pois a geração mais nova não estava adquirindo o conhecimento desta arte. O professor se sente feliz pela oportunidade de ensinar às crianças, pois ele vê a possibilidade desse conhecimento ser passado para as próximas gerações através dos seus alunos.

Já o professor Pedro se mostrou preocupado com a história de seu povo. Ele relatou que além de trabalhar com a matéria de História Geral, trabalha também com a História do Povo Sabanê, e está constantemente repassando aos alunos as histórias e lendas que ouvia dos mais velhos. Ele conta as histórias que conhece, de como o povo surgiu, de onde moravam e de como chegaram onde estão hoje. Ele conta, ainda, algumas lendas próprias de seu povo, mas que estavam se perdendo com o tempo, como, por exemplo, *O Menino que virou planta*, *O Mosquito que virou menino*, entre outras.

Outra preocupação dos professores é quanto ao estudo da língua materna. A língua materna é algo que quase foi perdido por este povo, mas que aos poucos tem sido resgatada pela professora Lúcia, que é filha do cacique. Ela informou que, de toda a aldeia, os únicos que têm o domínio da língua original são seus pais, então ela ainda está aprendendo-a para poder passá-la aos alunos. O cacique e sua esposa falam em Português com os outros membros da aldeia, mas, entre si, conversam em Sabanê.

Ao relatar sobre o seu sentimento de resgatar a língua materna e de ensinar aos seus alunos, a professora Lúcia disse que, antes de iniciar seus estudos no Ensino Superior, a língua materna não tinha significado ou importância para ela, pois ela já falava Português, e tudo o que fosse

preciso fazer era resolvido se comunicando por meio da língua portuguesa. Porém, ao sair da aldeia e iniciar a faculdade, a professora disse que sentiu muita dificuldade na questão da língua, que se sentiu perdida, pois, por ser indígena, tinha o seu jeito próprio de falar, e então passou a ter problemas maiores que quase a fizeram desistir da faculdade.

A professora Lúcia informou ainda que recebeu um grande apoio dos seus professores da universidade para que não desistisse do curso, e aprendeu que deveria valorizar mais a língua indígena porque era a identidade do seu povo. Movida por esse apoio, a professora foi trabalhando com suas dificuldades, e hoje tem se esforçado para aprender sua língua materna.

A escrita da Sabanê tem sido desenvolvida pela professora, que escreve conforme escuta. Ela tem um projeto de criar um dicionário da língua materna, e mesmo que alguns na aldeia não a falem, pelo menos terão material para estudá-la.

5 O calendário escolar

O calendário escolar, conforme estabelecido no § 2º, do art. 23 da Lei nº 9.394/96, “deverá adequar-se às peculiaridades locais, inclusive climáticas e econômicas, a critério do respectivo sistema de ensino, sem com isso reduzir o número de horas letivas previsto nesta Lei” (BRASIL, 1996). O número de horas de que trata o art. 24, inciso I, da Lei 9.394/96, é o seguinte: “a carga horária mínima anual será de oitocentas horas para o ensino fundamental e para o ensino médio, distribuídas por um mínimo de duzentos dias de efetivo trabalho escolar, excluído o tempo reservado aos exames finais, quando houver” (BRASIL, 1996).

O calendário escolar na aldeia Sabanê, como foi informado pela professora Carla, segue o calendário da cidade, pois a escola é estadual, então, tudo o que acontece na educação na cidade, acontece também na aldeia. Porém, existem algumas peculiaridades locais, como citado anteriormente, a respeito do art. 23 da LDB. São pequenas modificações que tornam o calendário mais flexível para se adaptar aos costumes do povo indígena.

A exemplo disso, quando ocorrem as manifestações culturais, como o *tempo da roça e da colheita*, os professores fecham a escola para que todos possam se envolver nas atividades da comunidade. A professora Carla disse que para trabalhar na aldeia, os professores não indígenas precisam ter a consciência de que não é a mesma coisa que trabalhar na cidade, e o professor deve se adequar a isso.

Além disso, o povo Sabanê preserva alguns rituais em sua tradição, e os professores aproveitam para trabalhar esses assuntos em sala de aula, como por exemplo, a *festa da menina moça*, que é uma festa que ocorre uma vez ao ano. Quando a menina se torna moça, por volta dos 12 anos de idade, ela fica em um cômodo na casa de seus pais, aguardando que apareça algum pretendente para se casar com ela. Existe também um costume de que as crianças menores de 12 anos não podem ir ao cemitério sozinhas, sendo permitido apenas na companhia de seus pais. As crianças observam os rituais na aldeia e participam conforme as orientações dos mais velhos.

6 O material didático e as dificuldades locais

O material didático utilizado na aldeia Sabanê é fornecido pela Secretaria de Estado da Educação de Rondônia – SEDUC/RO. Porém, os recursos ainda são reduzidos, e a falta de materiais que auxiliem no ensino das turmas de 1º a 5º anos é uma das dificuldades encontradas

pelos professores, que fazem o possível para maximizarem o aprendizado de seus alunos. Uma das alternativas utilizadas pelos professores é não se prenderem unicamente aos materiais que são oferecidos. Além de aplicarem seus conhecimentos de mundo, os professores procuram levar materiais que retiram da internet. Como a aldeia não tem acesso à internet, isso se dá quando os professores vão à cidade.

Quanto à parte lúdica na escola, foi possível observar uma caixa com alguns brinquedos dentro da sala, que são usados em aula. Além disso a professora Carla disse que quando os alunos não estão interessados na aula, ela procura dar uma atividade alternativa, mas sem fugir muito do que estava programado. Ela explicou que faz algumas gincanas, coloca o nome dos alunos no quadro, faz perguntas de diversas matérias, e vai anotando a pontuação de cada aluno para ver quem está mais afinado com os conteúdos das disciplinas. Isso para tornar a aula mais atrativa.

As dificuldades na aldeia não se restringem apenas à falta de material didático, pois também existem dificuldades quanto às condições físicas do local. Como foi citado anteriormente, devido ao pequeno número de alunos e ao reduzido espaço físico, as turmas de 1º a 5º anos ficam em uma única sala, porém foi possível observar ainda que não há salas para a divisão das demais turmas. O ambiente escolar se resume a uma sala de tamanho médio, que é separada ao meio por um tecido de *TNT*, em que de um lado ficam os alunos de 1º a 5º anos e do outro os alunos das outras turmas. A seguir, podemos observar um dos espaços da sala de aula.

Fotografia 2 – Sala de aula na Escola Indígena Sabanê



Fonte: Aíles Biudes (2017)

Existem ainda duas turmas que se organizam do lado de fora. As carteiras são colocadas embaixo de uma árvore, que vira a sala de aula. Porém, a professora Carla expressa sua preocupação com a chegada do tempo de chuva, o que torna a situação mais difícil.

Além disso, a aldeia não possui energia elétrica. A professora Carla relatou que percebe que as coisas melhoraram nos últimos anos, mas que quando chegar a energia elétrica, as coisas ficarão ainda melhores, pois irá trazer benefícios não apenas para a escola, mas para a população de um modo geral. Outra expectativa da professora, além da construção de mais salas de aula, é a construção dos alojamentos, pois ela permanece na aldeia durante toda a semana, voltando para a cidade apenas nos finais de semana.

Outra dificuldade é que a aldeia não possui sinal telefônico e, caso ocorra alguma emergência, é preciso se deslocar por 21 quilômetros, percurso realizado com uma motocicleta, para conseguir ligar para a

SESAI – Secretaria Especial de Saúde Indígena – para que prestem socorro.

Os professores relataram que existe uma boa relação entre o povo indígena e a Secretaria de Saúde, que visita a aldeia pelo menos uma vez ao ano para aplicar vacinas nas crianças, fazer exames médicos e realizar palestras educativas. Apesar de não haver enfermeiros que atendam mensalmente, como ocorre nas aldeias vizinhas com maior população, existe na aldeia Sabanê uma pequena enfermaria com alguns medicamentos e um agente de saúde indígena fica lá em tempo integral.

7 Portadores de necessidades especiais na aldeia

De acordo com o Art. 205 da Constituição Federal de 1988:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988).

A educação, como citado no art. 205, é um direito de todos. E no art. 208, inciso III, está escrito que é garantido o “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 1988). Porém, na aldeia Sabanê não existem pessoas capacitadas para o ensino dessas crianças. Há na aldeia um adolescente de 16 anos com necessidades especiais, mas que está fora da sala de aula. Ele não se comunica e também não conhece a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Outro jovem também tem problemas de audição. Ele busca atendimento na cidade, usa aparelho auditivo e tem sido acompanhado uma vez por semana por uma psicóloga e uma fonoaudióloga.

De modo geral, as observações feitas na aldeia nos permitiram perceber esses variados aspectos, que vão desde as condições de acesso e de estrutura física para as aulas até elementos de ordem didático-pedagógicas, cujos traços principais expusemos neste artigo. Algumas outras impressões serão ditas a seguir, nas considerações finais.

8 Considerações finais

Desde o primeiro semestre do curso de Pedagogia, nós, acadêmicas não indígenas, passamos a conhecer um pouco da cultura e dos costumes do povo Sabanê através dos nossos colegas de classe que pertencem a esse povo indígena. Visitar a aldeia e passar um momento no ambiente onde os colegas cresceram e mantêm até hoje suas raízes, suas bases familiares e culturais, constituiu uma experiência que nos favoreceu para que adquiríssemos mais conhecimento sobre o povo indígena Sabanê, e que aperfeiçoou nossa percepção a respeito da alteridade.

Do ponto de vista profissional, a visita contribuiu para que nós, acadêmicas de Pedagogia, estivéssemos crescendo um pouco mais em nossa caminhada, pois dentro de sala de aula iremos encontrar alunos de todas as crenças, as raças, os costumes, e precisaremos saber lidar com a diversidade em sala de aula.

A visita nos fez crescer também enquanto pessoas, pois estar com aquele povo nos mostrou que, mesmo havendo diferenças entre nós, quanto aos costumes, aos relacionamentos, à rotina do dia a dia, entre outras coisas, percebemos que nossa essência é a mesma e que possuímos as mesmas necessidades.

Quanto ao ensino, o cacique, que é pai da professora Lúcia e de nossa colega de sala, relatou que não influencia quanto ao que é ensinado na aldeia. Ele deixa os professores trabalharem livremente,

mas procura participar das reuniões e saber o que é ensinado, quais as disciplinas e os trabalhos que fazem. Além disso, o cacique tem cobrado de suas filhas o aprimoramento na educação, para que elas possam oferecer mais para o povo da aldeia. O cacique tem consciência de que hoje a aldeia conta com a ajuda de professores não indígenas para o ensino, mas que futuramente pode ser que esses professores não estejam mais lá, então ele deseja ser independente, deseja que os próprios indígenas assumam os cargos de educadores.

Referências

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado, 1988.

Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompiado.htm>. Acesso em: 23 set. 2019.

_____. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica* / Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília, DF: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>>. Acesso em: 23 set. 2019.

_____. *LDB. Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília, DF: Senado, 1996. Disponível em <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 23 out. 2019.

_____. *Lei 11.645/2008* – Lei que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF: Senado, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em: 27 set. 2019.